

# Os diamantes oceânicos do gênero *Erythrura*

ISSN 1981-8874



**Guy Barat**  
França

## Introdução

Apesar de serem menos conhecidos que seus homólogos australianos como os goulds, os mandarins e similares e, por causa disso menos procurados, estes diamantes oceânicos exerceram sempre uma atração particular sobre o pequeno mundo dos criadores particulares.

Não muito grandes, turbulentos, de cores brilhantes e vivas (poderíamos dizer “flashy” para usar o vocabulário da moda) eles têm muitas qualidades tais como:

Uma suficiente robustez sob os climas europeus; um caráter pouco agressivo que lhes permite viver em bandos mistos; uma aptidão à reprodução e à criação de seus jovens sem ter que passar sempre pelo pai de substituição clássico que é o pardal-do-japão (manon); enfim, um espécime menos complexo que muitas espécies principalmente australianas, o que os faz pássaros de escolha para os concursos.

Em resumo, nestes tempos de restrição de importação, mesmo de supressão, que vão inevitavelmente levar ao longo dos anos a redução da biodiversidade de nossos viveiros e, assim de nossas exposições, são os com-



*Diamant de Nouméa*

panheiros alados que não devemos negligenciar e mesmo valorizar por uma criação cuidadosa e estruturada.

É assim que o Clube Técnico UOF (União Ornitológica da França) dos Estrildídeos propõe, através de vários artigos, “reabrir o dossiê” destes pequenos granívoros que trazem para casa a magia e o exílio das ilhas longínquas.

## As espécies ditas clássicas

O número das espécies oceânicas do gênero *Erythrura* (palavra que significa em grego: de cauda vermelha), apesar de menor em relação às espécies australianas, é entretanto interessante e permite uma grande escolha.

Ousemos fazer uma classificação dos pássaros mais conhecidos aos mais raros.

Em primeiro lugar o representante típico destes oceânicos é o diamante-bicolor (*Erythrura psittacea*), vulgarizado sob o nome de papa-de-noméa (noméa em homenagem à capital da Nova Caledônia, ilha de onde é originário). Todo o mundo conhece e reconhece de longe este belo pássaro ágil e envolvente de cores portuguesas, o verde do corpo realçando o vermelho vivo da cabeça e da garganta.

Em seguida vem, sempre por ordem de divisão nas nossas criações, o diamante-de-kittlitz ou diamante-tricolor (*Erythrura trichroa*). Sua área de distribuição é importante já que ela engloba o norte da Nova Guiné, os Celebes, os Moluques e uma pequena parte norte da Austrália. Cores em geral de um verde levemente mais pálido que no diamante-bicolor, mas uma cabeça bonita de um azul cobalto brilhante. As qualidades são idênticas: vivacidade apesar de um pouco menos desenvolvida que no bicolor (pás-



*Diamant de Kittlitz*



sar particularmente agitado, o que pode penalizá-lo nos concursos), caráter pacífico, mesmo tendo os machos, quando em maioria, a tendência de brigar um pouco. É um pássaro simpático cuja beleza se revelará quando em viveiros grandes. Muito espaço para eles, por favor.

Em terceira posição eu colocaria o diamante-de-forbes, cuja denominação oficial é diamante-azulesverdeado (*Erythrura tricolor*). Tem tamanho pequeno, por volta de 9 cm (atenção, certos criadores poucos es-

crupulosos tentaram acrescentar estatura cruzando-o com o kittlitz). O azul cobalto predomina sobre o conjunto do corpo para deixar espaço para um pouco de verde nas asas e no dorso, a cauda restante invariavelmente vermelha.

Vem em seguida o diamante-de-peale (*Erythrura peallii*) das ilhas Fiji. Cores idênticas ao diamante bicolor, mas com pequeno papo negro sob o bico e azul claro na garganta e no início do peito. Levemente maior que o azulesverdeado. Pássaro sedutor, mas

cuja criação perde velocidade por razões obscuras (preço, desinteresse progressivo, levando invariavelmente à raridade). Teria necessidade de ser seriamente relançado.

Numa situação idêntica achamos o diamante-coloria ou de Mindanao (*Erythrura coloria*), ilha do arquipélago filipino. Tamanho reduzido, por volta de 9,5 cm, este belo pássaro combina ao mesmo tempo as cores do bicolor e do Kittlitz, já que o azul da cabeça é realçado com uma “écharpe” vermelha muito luminosa. Mesmos comentários que os dados para o diamante-de-peale, como ele, um pássaro pouco criado na França. Explicação: as fêmeas seriam, segundo alguns, bem menos numerosas que os machos nos seus ninhos. Uma pena.

Ainda menos freqüente é o diamante-dos-bambus (*Erythrura hyperythra*) classificado no gênero *Erythrura*, apesar de que seu uropígio e a sua cauda sejam de um verde mais ou menos incrustado de amarelo-claro. Ocorre da Malásia às Filipinas passando por Java e certas ilhas da Sonda. O número de subspecies é bem numeroso, o que não garante uma pureza absoluta nos assuntos de criação. Acrescentemos a isso um dimorfismo sexual pequeno e compreenderemos o porquê do diamante-dos-bambus estar bem pouco presente nas exposições.

Terminemos por um pássaro antigamente importado às centenas e que todas as lojas





de aves, da maior à menor, queriam ter em seus viveiros: o papa-dos-prados ou quadricolor (*Erythrura prasina*) com suas duas subespécies, uma de barriga vermelha e a outra de barriga amarela. Ocorre na China, Malásia, Java e Sumatra. Desaparecido praticamente da circulação por causa da criação muito difícil e também como consequência da cessação de importações. Um esforço

dos criadores é absolutamente necessário. Mas será que ainda dá tempo?

#### As espécies raras

É preciso dizer que mesmo quando a situação internacional era mais fácil e a gripe aviária não existia, as espécies seguintes eram muito pouco importadas. Só os amadores afortunados podiam se dar ao luxo de

comprá-los, encomendando-os pessoalmente à caçadores especializados que os capturavam por dinheiro.

Em seguida, a partir de algumas fontes selvagens, era preciso contar com a habilidade e o talento dos criadores interessados para obter alguns exemplares de vez em quando. E, além disso, sua criação era confidencial.

Citemos o diamante-de-samoa (*Erythrura cyanovirens*) das ilhas do mesmo nome. De tamanho reduzido, por volta de 10 cm, é um belo pássaro de cabeça vermelho-escuro-vivo e o conjunto do corpo azul, mais marcado e mais claro no peito. A dificuldade não é de criá-lo, mas primeiramente, de achá-lo.

O diamante-de-nova-guiné (*Erythrura papuana*) parece muito com o diamante-de-kittlitz, mas tem um bico mais forte e sobretudo um tamanho maior: 15 cm. Evidentemente muito pouco visto na criação.

O diamante-real (*Erythrura cyanovirens regia*), das Novas Hébridas, que a partir de agora tomaram o nome de Arquipélago de Vanuatu, é um pássaro que merece bem seu nome, verdadeiro leque de cores onde se acha o azul em diversos *dégradés* casados ao verde. A cabeça inteira é de um bonito vermelho forte, assim como o uropígio e a cauda. Seu regime alimentar particular à base de frutas, especialmente figos selvagens. É





de fato um pássaro delicado e, por causa disso, nunca ao alcance dos criadores.

### Comentários finais

Valorizar os diamantes oceânicos, um desafio de nossa época.

Atualmente o diamante-bicolor e o diamante-de-kittlitz, são os mais procurados pelos criadores. As outras espécies conhecem altos e baixos.



Como remediar esta situação pouco estimulante no momento em que a mistura de espécies nunca foi tão competitiva e que vemos uma grande documentação sobre seu modo de vida, tanto na internet como nas revistas especializadas e o desinteresse dos criadores preferindo as espécies mais clássicas e, sobretudo, mais fáceis de achar? Se for isto, é uma solução de facilidade condenável, enquanto alguns destes diamantes são ameaçados no seu próprio meio ambiente e que, neste começo do século, os amantes de aves, mesmo com poucos meios, estão procurando uma solução para este problema. Não foi assim com o pintassilgo-da-venezuela, cuja criação tornou-se tão comum que a espécie está salva da extinção? Idem para a muito conhecida ararinha-de-spix, cujo último espécime selvagem se dissipou nas nuvens da caatinga e que se espera sua volta por intermédio de criadores dedicados e apaixonados.

Então, porque não criar em cativeiro os diamantes oceânicos? É suficiente apenas tomar consciência da situação e se renovar um desejo de trazer alguma coisa a mais à biodiversidade. Trocar idéias, renovar contatos, escrever relatórios de criação, com belas fotos que não somente nos façam sonhar, mas desencadeiem vocações, eis aqui métodos simples e seguros.

Isto é que o Clube Técnico dos Estrildídeos vai propor aos criadores, suscitar de novo um esforço, especialmente aos mais jovens que não conheceram a época, não tão longínqua das importações (eu sei, importar é ruim, pois retira da natureza, mas é preciso começar por alguma coisa), quando a gente podia comprar estas pequenas jóias dos mares do Sul a preços acessíveis. Essa época não existe mais, outra pode e deve tomar o seu lugar: a da criação construtiva, mas também de questionamentos e resultados obtidos.

O que um criador isolado não pode fazer sozinho, um clube técnico deve conseguir.

Os diamantes oceânicos? Um desafio a se estabelecer para justificar nosso novo *status* de criadores empenhados numa grande luta junto às instituições. Acreditem. Isto vale a pena.

Para maiores informações eu recomendo o livro de Michel Dupuyoo, curador do Parque das Aves da “Londe les Maures”, perto de Hyères (cidade da costa mediterrânea, ao lado de Marselha) “Diamants, Papes et Capucins”. Uma excelente obra bem documentada com fotos esplêndidas. Em venda na livraria de “l’UOF” (União Ornithologue de France) pelo preço de 53 euros. Pode-se adquirir também através do autor, Guy Barat barat.guy@worldonline.fr

**Tradução: Maria Helena**